Perspectiva construcionista social e dimensão cultural: contribuição para os estudos organizacionais

Social constructionist perspective and cultural dimension: contribution to organizational studies

Fabiana Regina Veloso¹
Fabricio Stocker²
Yara Lúcia Mazziotti Bulgacov³
Andriele de Prá Carvalho⁴

Resumo

Com o advento da modernidade as organizações tornaram-se o cerne da vida social. O interesse em compreender este fenômeno aproximou os estudos organizacionais dos estudos sociais, o que tem proporcionado a construção de teorias capazes de explicar as relações que inserem as práticas organizacionais no processo de organização social. Desse modo, justifica-se compreender em profundidade as premissas ontológicas e epistemológicas na medida em que estas fundamentam teorias e consequentemente metodologias, para que sejam evitados equívocos e incoerências na realização de pesquisas científicas. O objetivo deste artigo é compreender e ampliar estudos que partem de uma visão construcionista social quando considerada a dimensão cultural. Para isso, recorreu-se à revisão sistemática da literatura internacional que versam sobre estudos culturais fundamentados no construcionismo. A análise final possibilitou destacar contribuições teóricas e metodológicas coerentes epistemologicamente, indicar as inconsistências nos trabalhos analisados, esclarecer lacunas e apontar caminhos para ampliar pesquisas culturais sócio-construcionistas.

Palavras-chaves: Dimensão cultural. Construcionismo social. Epistemologia. Teoria das Organizações.

Abstract

With the advent of modernity organizations have become the core of social life. The interest in understanding this phenomenon approached the organizational studies of social studies, which has provided the construction of theories capable of explaining the relationships that insert organizational practices in the process of social organization. Thus, it is justified to understand in depth the ontological and epistemological premises in so far as they ground theories and consequently methodologies, so as to avoid misconceptions and inconsistencies in the conduct of scientific research. The aim of this article is to understand and broaden studies that start from a social constructionist view when considering the cultural dimension. For this we resorted to the systematic review of international literature dealing with cultural studies based on constructionism. The final analysis made it possible to highlight epistemologically coherent theoretical and methodological contributions, to indicate

¹ Doutora em Administração, Docente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

² Doutorando em Administração na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP).

³ Doutora em Educação, Docente no Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Positivo (UP).

⁴ Doutora em Administração, Docente na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

coherences and inconsistencies in the works analyzed, to clarify gaps and to point out ways to expand socio-constructionist cultural researches.

Keywords: Cultural dimension. Social constructionism. Epistemology. Organizations theory.

Introdução

Este artigo se propõe a uma reflexão sobre as premissas fundamentais da perspectiva construcionista social (Gergen, 2010, 2015; Gherardi, 2012, 2015) como uma epistemologia que proporciona a apreensão do conhecimento social construído no cotidiano de práticas sociais. Nesta abordagem, a prática é analisada a partir de dimensões que se entrelaçam proporcionando uma visão situada da realidade social. Propõe-se que a dimensão cultural explica e se constitui na relação com as demais dimensões: a linguagem e o discurso, a história, a materialidade, a corporeidade e as emoções (Reckwitz, 2002; Gergen, 2010, 2015; Weber & Dacin, 2011; Gherardi, 2012). Assim, dada a amplitude das possibilidades de construção do conhecimento prático, neste artigo, a reflexão tomará a direção dos estudos culturais, buscando localizar o modo como esta dimensão vem sendo estudada na perspectiva construcionista social.

A contribuição que se propõe ao campo de estudos organizacionais é destacar uma das maneiras de compreender as práticas sociais o que insere as práticas vinculadas ao contexto das organizações, qual seja, tomar a prática social como unidade de análise e estudá-la a partir da dimensão cultural na construção social da realidade, integrando-a às demais dimensões explicativas da realidade. Para tanto, o estudo resgata as principais premissas e pressupostos teóricos dos estudos culturais na perspectiva epistemológica do construcionismo social.

Assim, o objetivo proposto neste trabalho busca compreender e ampliar a perspectiva do estudo científico a partir da dimensão cultural na perspectiva do construcionismo social. Com isso, procurou-se revelar as relações entre as premissas do construcionismo social e os estudos culturais de modo que resultem numa proposta de estudo científico que não seja contraditória e que possa adequadamente contribuir para o avanço da pesquisa nesta área. Esse contexto de estudo resultou na seguinte questão de pesquisa, que será norteadora para o trabalho: qual a importância da perspectiva construcionista social no estudo cultural das práticas sociais?

Para alcançar os limites da proposta, apresenta-se a contextualização do problema, objetivo e justificativas nesta introdução. Em seguida, na seção 2, são expostos os argumentos teóricos que justificam a relevância dos estudos culturais e sua relação com fundamentos de caráter ontológico e epistemológico que implicam na forma como os estudos podem ser coerentemente conduzidos na pesquisa social. Apresenta-se, ainda, a abordagem

metodológica como seção 3, que esclarece a base teórica utilizada como resultado da revisão sistemática da literatura considerando as publicações internacionais entre 2005 e 2015 nos tópicos de construcionismo social e estudos da prática. Em seguida, como seção de análise de resultados foi possível desenvolver uma abordagem avaliativa do conteúdo dos trabalhos analisados relacionando os argumentos teóricos e os recursos metodológicos utilizados pelos autores e verificando sua consistência epistemológica com os estudos propostos como construcionistas sociais. Por fim, nas considerações finais apresenta-se o quadro geral de análise que revela onde se localizam consistências e incoerências que podem servir de contribuições para melhor desenho e produção de estudos organizacionais pautados no construcionismo social.

Referencial Teórico

Compreender as condições culturais de existência humana, especialmente a partir do século XVII, foi a preocupação das correntes de estudos antropológicos e sociólogos (Laraia, 2000; Cuche, 2002; Smircich, 1983; Weber & Dacin, 2011). Muitas abordagens distintas foram utilizadas neste tipo de pesquisa a fim de entender o modo de organização da vida em sociedade, as diferenças entre grupos sociais, os seus modos de entender a realidade e de viver em grupo, resolvendo seus dilemas, acomodando seus objetivos, institucionalizando seus modos de ser e fazer, mantendo sua existência, entre outros aspectos da vida em sociedade. Essas e muitas outras questões dedicavam-se aos aspectos culturais que pudessem dar conta de explicar a construção, reprodução e transformação social.

2.1 A Relevância dos Estudos Culturais na Compreensão da Organização Social

Os aspectos culturais tornam-se referência para os estudos organizacionais, especialmente ao considerar as formas organizacionais como modo de organização da sociedade. No decorrer da história das organizações, muitos aspectos conduziram as pesquisas neste campo, e a dimensão cultural tornou-se cada vez mais relevante para as explicações, de várias naturezas, como entender o comportamento das pessoas nas organizações, no ambiente onde estiveram inseridas as pessoas e as organizações, ou como relevantes na análise de mudanças sociais e organizacionais (Hatch & Cunliffe, 2006).

Decorre disso que as práticas ocupacionais passaram a ser tomadas como um modo de organização social (Reckwitz, 2002; Gherardi, 2012, 2015; Gherardi & Strati, 2014). Ou seja,

as pessoas constroem sua realidade coletivamente no contexto das suas realizações práticas, que no contexto moderno estão amplamente relacionadas com suas ocupações profissionais. Assim, concepções como gênero, família, maternidade, carreira, sucesso, ética e outros significados são relativos, ou mais que isso, são relacionais (Gherardi, 2012; Reckwitz, 2002). Isso quer dizer que a realidade não é a mesma para todos os grupos ocupacionais ou para as comunidades de práticas.

Cada contexto constitui significados específicos com base nas relações que estabelecem na sua história contextual. Por isso, pesquisar uma prática demanda uma epistemologia que consiga apreender essa construção. Entre as dimensões relacionais que possibilitam a construção da realidade está a dimensão cultural como uma possibilidade de explicar o modo como os significados são construídos no contexto da prática (Wagner, 1979; Cohen, 2006; Gergen, 2015). Mas na perspectiva construcionista social esta dimensão precisa ser analisada na conexão com outras igualmente importantes como a materialidade, a subjetividade, a corporeidade e o discurso. Dessa forma, é importante compreender as premissas do construcionismo social antes de iniciar uma reflexão sobre a prática.

2.2 Inquietações de Natureza Ontológica e Epistemológica

As pesquisas seguem bases ontológicas e epistemológicas. A primeira aborda crenças básicas sobre a natureza da realidade, o problema está ligado à visão filosófica da existência da coisa, seus pressupostos estão direcionados ao que se crê como realidade, segue a verdadeira essência do fenômeno em investigação, ao que se pode saber (Lincoln & Guba, 2006; Corbetta, 2003; Cilliers, 2002; Burrell & Morgan, 1979). Já a base epistemológica busca alcançar o conhecimento e como chegar a ele. Aborda a relação entre o investigador e o investigado, a cognoscibilidade da realidade social, a relação entre o observador e a realidade observada e as formas de obter esse conhecimento da realidade social (Lincoln & Guba, 2006; Corbetta, 2003; Cilliers, 2002). Seus pressupostos formam a base do conhecimento, buscam entender o mundo e transmitir os aprendizados (Burrell & Morgan, 1979). De acordo com sua visão de sociedade e de realidade os pesquisadores direcionam seus estudos, tendo por base uma filosofia da ciência voltada a uma visão objetiva ou subjetiva.

Segundo Burrell e Borgan (1979, p. 8), “usamos o termo ‘positivista’ para caracterizar epistemologias que buscam explicar e predizer o que acontece no mundo social, pela procura de regularidades e relações causais entre seus elementos constituintes”. Por outro lado, o subjetivismo representa a visão de realidade como produto da consciência individual,

subjetiva. Além disso, o olhar positivista irá conduzir a uma visão de sociedade como algo que é externo ao indivíduo, algo dado, determinado pelo ambiente, ou, no outro extremo, como algo cuja construção se estabelece na relação com o indivíduo.

Este debate também remete à visão sobre a natureza humana no contexto deste ambiente. A visão determinista “que vê o homem e suas atividades como sendo completamente determinadas pela situação ou pelo ambiente em que ele se situa. No outro extremo identificamos a visão voluntarista do homem completamente autônomo e possuidor de livre arbítrio” (Burrell & Morgan, 1979, p. 9). Essas bases de compreensão da realidade e da sociedade levam o pesquisador a uma busca de conhecimento sobre a realidade que se pauta na perspectiva objetiva ou subjetiva, com seus desdobramentos, os quais se pautam em paradigmas distintos, inclusive no debate e contribuições teóricas sobre a dimensão cultural no contexto das organizações (Hatch & Cunliffe, 2006).

Desse modo, os estudos culturais e os estudos organizacionais tomaram diferentes direções (Smircich, 1983; Weber & Dacin, 2011; Burrell & Morgan, 1979). É relevante destacar que a dimensão cultural permanece no conjunto de mediações explicativas da realidade social, mas é percebida e analisada de formas diversas conforme as opções ontológicas e epistemológicas dos pesquisadores.

E, partindo desse ponto, as escolhas quanto à abordagem de estudo levantam outras questões: em que medida a dimensão cultural está no entorno ou ao lado de outras dimensões que explicam o contexto da realidade organizacional e das práticas organizacionais? Quais as outras dimensões, que aliadas à cultural, são referências ao modo de organização das pessoas no seu cotidiano? Qual a unidade central de análise que parece explicar a ação cotidiana dos sujeitos no contexto das organizações? A ação é o aspecto mais relevante que se pretende compreender na construção social da realidade? Quais discussões sobre agência e intencionalidade dos sujeitos na sua coletividade possibilitam compreender processos de mudança ou manutenção da prática neste contexto? Uma possibilidade de resposta a estas inquietações se assenta nos fundamentos do construcionismo social.

2.3 Fundamentos Ontológicos e Epistemológicos do Construcionismo Social

Embora existam diferentes posturas ontológicas na visão construcionista, todas partem do pressuposto de que o mundo funciona a partir da interação social e da linguagem (Schwandt, 2006). Utilizando este modo de entendimento da realidade é possível, segundo Bjorkeng, Clegg & Pitsis (2009, p. 145), “explicar outros fenômenos sociais como

conhecimento, significado, ciência, poder, linguagem, mundos de vida, instituições e papéis, estruturas e sistemas”.

Assim, a ordem social é o fator determinante para o posicionamento ontológico sobre o ser e o mundo, do qual decorrem também as perspectivas epistemológicas, ou seja, o modo como se conhece este mundo. Por isso, localizar a ordem ou o modo de organização, a partir desta perspectiva, é o que permite compreender esta complexa realidade.

A postura construcionista concebe uma ordem que revela a natureza das relações na sociedade e, no caso da abordagem das teorias da prática, uma ordem que se localiza no fazer prático mediado (Gherardi, 2012; Reckwitz, 2002). Nesse sentido, Reckwitz (2002) afirma que dimensões mediadoras da construção social estão centradas na prática, entre elas, mente, corpo, estrutura social, linguagem e a própria noção de ordem.

Para o construcionismo social, a primazia está nas relações que possibilitam a produção e sustentação do conhecimento, a partir de processos sociais de significação que acontecem pela negociação, comunicação e coexistência entre conflito e consenso, tornando os significados duráveis no tempo (Gergen, 2010, 2015; Gherardi, 2015).

Quando se fala de significados construídos socialmente abre-se um leque para a pesquisa sobre o processo de construção desses significados. Um processo que destaca as relações contextuais que possibilitam a discussão, a negociação e a legitimação de conhecimentos práticos significados. Quer dizer, são as relações que a priori proporcionam a interligação entre conhecimento e ação como um processo contínuo de produção e reprodução de sentido. Um processo que constitui e possibilita aos sujeitos sociais um modo de explicar e descrever o mundo, do mesmo modo que sustenta determinadas maneiras de nele viver e agir.

De fato, “a partir da perspectiva construcionista, são as relações, e não os indivíduos, que constituem a base da sociedade” (Gergen, 2010, p. 40). Nesse sentido, a realidade acontece por meio de um processo em que os sujeitos se situam histórica, geográfica, cultural, discursiva e materialmente, o que envolve negociação e (re)confirmação constante de significados.

Este cenário condiz com outros dois pressupostos do construcionismo social. Um deles é a especificidade cultural e histórica das formas de se conhecer o mundo, e o outro é a valorização de uma postura crítica e reflexiva sobre os aspectos percebidos a respeito da realidade (Rasera & Japur, 2005; Gherardi, 2014). Dito isso, questionar as interpretações do sujeito pesquisado, as condições em que as relações são estabelecidas é uma missão do pesquisador construcionista, porque esta reflexão permite que ele fique atento às diferentes

vozes presentes no processo de construção do conhecimento, assumindo que a dissonância é um componente da realidade (Gergen, 2010).

É nesse sentido que se pode perceber as práticas sociais, compreendendo a realidade situada na história e a construção cultural de grupos sociais. Trata-se de uma busca abrangente nos fatores históricos e contingentes como a subjetividade na interpretação e no envolvimento com a construção de relações e significados práticos além das possíveis conexões relacionais que diferem para cada contexto e interferem no modo de ser, de fazer, de sentir e de agir.

Observa-se que o significado se projeta como um importante conectivo dessa construção, pois, significativamente, versões particulares da realidade social levam a formas particulares de ação que se distanciam das outras. E, embora indivíduos construam significados para si, o fazem mediante outros indivíduos, ou seja, a realidade é social e coletiva, em outras palavras, cultural (Cohen, 2006; Wagner, 1979).

Esse também é o argumento de Berger e Luckmann (2012) que mostram que a sociedade é um produto humano, assim como o homem é um produto social, num movimento de recursividade constitutiva. Nesta visão, o sujeito é gerado num mundo socialmente e historicamente constituído, o que confere sentido a partir de uma socialização primária no mundo por meio de instituições já legitimadas. No entanto, ao longo da sua participação no mundo social, o sujeito é introduzido numa segunda fase de socialização quando começa a tomar consciência da sua atuação na sociedade, conhecendo, percebendo, classificando os papéis sociais com os quais se depara.

Desse modo, as experiências se incorporam em um acervo comum de conhecimentos, possibilitando a sedimentação e legitimação de concepções sociais sobre a realidade. Esse processo é possibilitado pelo uso de sinais (linguagem, histórias, ações ritualísticas e objetivos simbólicos) que conduzem uma experiência compartilhada, de modo que se configuram em tradição, que são modos de transmissão dos conhecimentos de práticas institucionalizadas e significados compartilhados. Por isso, intersubjetivamente, os sujeitos legitimam significados e ações na medida em que justificam e explicam seu modo de perceber, classificar, escolher e agir no mundo social.

Para Giddens (2007), essa organização aparente do mundo da vida são modos de orientação que, no nível da prática, respondem às questões existenciais, que são tanto emocionais quanto cognitivas, por isso, elas são relevantes para a sensação de segurança ontológica. O autor mostra que acreditar e se confortar com um quadro cultural que ofereça interpretações simbólicas que satisfaçam as ansiedades existenciais ultrapassa o aspecto cognitivo. É preciso ter confiança, esperança e coragem para que haja um comprometimento

cognitivo-emocional com essa “coerência da vida cotidiana”. Esse comprometimento cognitivo-emocional permite a construção da referência espaço-temporal que localiza as pessoas no contexto relacional.

Com isso, pode-se dizer que o lugar que situa a construção de identidade “é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado, é o ponto das práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas” (Giddens, 2007, p. 72). Percebe-se com essas premissas que conhecendo o processo de construção dos significados culturais de uma prática, é possível compreender as explicações para a realidade vivida em cada contexto situado. Realidade com a qual os sujeitos se identificam como praticantes e a partir da qual organizam seu cotidiano como um modo de ser e de fazer.

Procedimentos Metodológicos

Este trabalho pressupõe compreender e ampliar a perspectiva do estudo das práticas sociais a partir da dimensão cultural na perspectiva do construcionismo social. Para tanto, uma revisão sistemática da literatura foi realizada com base em critérios pré-determinados e evidências científicas consistentes tendo como fim colaborar com a escolha de estudos e/ou possibilidades analíticas e metodológicas para o desenvolvimento da questão de pesquisa levantada (Schütz, Sant'ana & Santos, 2011).

A investigação se caracteriza, ainda, como uma pesquisa exploratória (Gil, 2008), uma vez que se pretende explorar com base na revisão bibliográfica e no que diz respeito aos procedimentos técnicos de elaboração e análise de dados, para propor as premissas de uma corrente epistemológica e sugerir metodologias adequadas a este tipo de estudo de reflexões sobre a prática de secretariado executivo.

O método de revisão sistemática, de acordo com De-La-Torre-Ugarte-Guanilo, Takahashi e Bertolozzi (2011, p. 1261) é "uma metodologia rigorosa proposta para: identificar os estudos sobre um tema em questão, aplicando métodos explícitos e sistematizados de busca; avaliar a qualidade e validade desses estudos, assim como sua aplicabilidade". Ou seja, trata-se de uma pesquisa fundamentada em uma questão específica, na qual se busca identificar, analisar e sintetizar importantes evidências disponíveis no campo.

Para essa revisão, utilizaram-se os passos estruturados, conforme destacado por Saur-Amaral (2010), que dizem respeito a: (1) elaboração da pergunta de pesquisa; (2) busca na literatura; (3) seleção dos artigos; (4) extração dos dados; (5) avaliação da qualidade

metodológica; (6) síntese dos dados; (7) avaliação da qualidade das evidências; e (8) redação e publicação dos resultados.

Segundo Saur-Amaral (2010), o processo de revisão sistemática da literatura deve esclarecer, ainda no delineamento metodológico, como foram coletados, apurados e sintetizados todos os dados de tal forma que as conclusões e contribuições dos estudos sejam cientificamente consistentes. Dessa forma, é ilustrada na Figura 1, a matriz metodológica com a síntese de todos os passos seguidos para a construção deste trabalho.

Figura 1. Matriz das Etapas e Procedimentos Metodológicos da pesquisa

Fonte: Elaborada pelos autores.

Conforme é evidenciado na Figura 1, esta revisão sistemática foi estruturada por uma base teórica sobre Construcionismo Social e Dimensão Cultural, que serviram de fundamento para a definição da questão de pesquisa - Qual a importância da perspectiva construcionista social no estudo cultural das práticas sociais?, e também para a condução da análise dos dados.

A coleta de dados foi realizada por meio de um mapeamento da literatura internacional na base de dados Scopus. As definições operacionais para a pesquisa consideraram os termos de “cultur*” e “social construct*” visando abranger o maior número de trabalhos. Já a definição temporal desta pesquisa considerou o intervalo de 10 anos, entre 2005 e 2015, período com o maior número de publicações sobre o tema, resultando um total de 271

trabalhos. Durante o processo de refinamento da busca sistemática, foram definidos ainda como filtro por área “*Social Sciences*” e “*Business & Management*”, e trabalhos publicados no idioma inglês, espanhol e português. Justifica-se a escolha pela base de dados Scopus, em razão do seu maior alcance em número de períodos e publicações indexadas, representando assim um escopo amplo para busca de pesquisas científicas.

Após a análise preliminar de todos os artigos, muitos foram desconsiderados por versar sobre outras concepções dos termos de busca como, por exemplo, ciências biomédicas, ciências exatas entre outros. Durante este processo de seleção de artigos e extração dos dados relevantes para este estudo, os passos indicados na Figura 1 com relação a revisão sistemática e análise dos dados, foram seguidos com a intenção de ao final do processo, a base final deste estudo seja composta por artigos inerentes ao construcionismo social e dimensão social. Ao final foram selecionados então 39 estudos que demonstraram potenciais contribuições e reflexões para a revisão dessa literatura e proposição dos resultados a serem discutidos no tópico que se segue.

Resultados e Discussões

4.1 Construção Social e a Dimensão Cultural nos Estudos Contemporâneos

Diante do contexto social moderno em que as organizações representam um modo de organizar a vida em sociedade, o olhar das pesquisas sociais está crescentemente centrado nas condições de realização dos fazeres organizacionais. Este interesse pode ser percebido, em especial, nos estudos culturais.

Estudos culturais: perspectiva instrumental versus perspectiva social. No contexto de estudos organizacionais a dimensão cultural se destaca a partir de uma visão objetivista de crescimento e desenvolvimento que envolve o mundo corporativo. Esta lógica racional tem direcionado muitos estudos culturais como recurso para a gestão, que possibilita ampliar estratégias de desempenho e qualidade, adequar operações a novos modelos de gestão e a novos conceitos, como os de sustentabilidade social e inovação. Diferente das abordagens construcionistas as análises deterministas centram o poder de ação na figura de alguns dirigentes capazes de manipular todos os recursos como estratégia, cultura e as pessoas no interior de estruturas organizacionais.

Um dos artigos analisados, de Weber e Dacin (2011), levantam estas reflexões. Segundo os autores, a maioria dos trabalhos culturais no campo de estudos organizacionais ainda

utiliza uma concepção instrumental da cultura, mesmo quando os argumentos resgatam concepções mais amplas como agência e mudança. Esse quadro de pressupostos indica, na visão Weber e Dacin (2011), dois caminhos futuros de pesquisa: a referência cultural na construção de sentido e a relação da cultura com a mudança social e organizacional. Decorrentes desse novo olhar sobre os fenômenos sociais, as discussões sobre cultura passaram a incorporar novas terminologias relacionadas a concepção de mudança, admitindo instabilidade, dissonância, agência. Com isso, deixando de lado o uso de elementos estruturais que direcionam a uma cultura estável.

Esta tendência foi observada nos artigos analisados. A perspectiva construcionista social tem permeado os estudos organizacionais e culturais, especialmente quando relacionados aos termos: relações, aprendizagem, identidade, construção, comunidades, discurso e pós-modernismo, conforme ilustrado na Figura 2, representando as palavras-chaves mais recorrentes nos artigos achados na revisão sistemática.

Figura 2. Nuvem de palavras-chave provenientes da revisão sistemática

Fonte: Elaborado pelos autores.

Contudo, pode-se notar que dos estudos levantados nessa revisão, muitos trabalhos não correspondem e não aprofundam a discussão em torno dos pressupostos da perspectiva construcionista (Franks, 2014; Zander & Zander, 2010; Furman & Collins, 2005). Alguns artigos não mencionam uma postura epistemológica, outros argumentam em favor de outras posturas como o evolucionismo, o estruturalismo e o funcionalismo (Franks, 2014; Zander & Zander, 2010), distanciando-se da reflexão construcionista pretendida. Esta diversidade reforça as indicações da pesquisa de Weber e Dacin (2011), que argumentam que o campo de estudos organizacionais tem levantado estudos culturais nas mais diversas bases, entre as quais o construcionismo social vem tomando cada vez mais espaço.

Pressupostos construcionistas: Outros autores destacaram a dimensão cultural como relevante na compreensão da realidade das comunidades estudadas, mostrando diversas formas de como a cultura pode ser estudada, apontando críticas e lacunas nos estudos já empreendidos por outros pesquisadores (Gergen, 2015; Cohen, 2006). Weber e Dacin (2011) mostram que os estudos culturais têm conseguido explicações relevantes na compreensão dos fenômenos organizacionais, independentemente da tradição filosófica por trás dos estudos. Entretanto, apontamentos críticos dos autores apresentam algumas lacunas nos estudos culturais que ainda podem direcionar novas pesquisas.

Nesse sentido, não serão citados todos os trabalhos nesta seção, dada a limitada contribuição ou saturação e repetição dos argumentos de vários trabalhos analisados. Contudo, identificaram-se diversos trabalhos que merecem destaque pela abordagem e reflexão, e que mostram um caminho cada vez mais promissor na utilização das abordagens construcionistas. Merece destaque aqueles que levam aos pressupostos deste estudo, que incluem: a análise relacional como essência da compreensão dos fenômenos sociais; a dimensão emocional com poder de agência sobre a construção do conhecimento social; a análise crítica sobre as forças de poder nas relações sociais; e a mudança como um processo de constante transformação das relações e conhecimento social (Gergen, 2010; Rasera & Japur, 2005).

Ainda com relação aos artigos publicados no período da busca dessa revisão, dividiu-se a análise a partir da consistência ou inconsistência de pressupostos sócio-construcionistas percebida na condução dos estudos analisados.

a) Trabalhos com inconsistências na concepção de construção social

Scarso (2013) analisa a realidade social a partir das categorias conceituais natureza e cultura, ecologia e simbolismo, ponderando que uma perspectiva construcionista rompe com dicotomias extremadas. Se por um lado, a natureza foi considerada o aspecto mais importante na determinação das formas culturais e sociais, vendo a cultura como um processo de adaptação ao ambiente. Por outro, a natureza e o ambiente são percebidos como parte da construção do “caleidoscópio da mente simbólica”, mas, “nesta perspectiva, se mediações simbólicas não são tidas em conta, a nossa compreensão das culturas humanas fracassará inevitavelmente” (Scarso, 2013, p. 92).

A análise relacional pode ser percebida no estudo. A constituição cultural e simbólica vinculada às influências naturais, como demonstra Scarso (2013), é apropriada até mesmo nas discussões sobre gênero, que num primeiro olhar podem referir-se a condições biológicas

naturais de homem e mulher, macho e fêmea. E por outro lado, demonstra que gênero é melhor compreendido se considerar a relação mútua das dimensões culturais, simbólicas e naturais e biológicas. O autor demonstra uma tentativa de refletir sobre fenômenos culturais resgatando a natureza e ecologia na determinação da realidade, um ponto já superado nos estudos construcionistas sociais.

Franks (2014), Calabrese e Cohen (2013) e, também, Chang (2010) usam uma visão construcionista do conhecimento, mas deslocam o centro analítico dos seus trabalhos para perspectivas distintas que contrariam alguns pressupostos construcionistas. Chang (2010) mostra como a cultura apoia, questiona e transforma o conhecimento. Mas nos seus objetivos, que são explorados ao longo do trabalho, aponta as funções da cultura com um aspecto um tanto estruturalista.

A questão abordada por Franks (2014) diz respeito à ligação entre a possível sociabilidade da mente e formas de construção: social e cultural. Assim, a construção social remete à ideia de uma realidade situada enquanto a construção cultural remete a construções mais amplas. O objetivo do autor é compreender como a mente do sujeito se constitui, o que possibilita perceber a relação entre o subjetivo e o coletivo. Para tanto, ele sugere que todas as qualidades da mente, incluindo a sociabilidade, são contingentes, o que leva a consideração de que as capacidades mentais podem simplesmente não ter sociabilidade, pois são construções situadas que podem não ocorrer em casos de desajuste social.

O autor ainda resgata perspectivas evolutivas da psicologia social para tratar do que ele aponta como paradoxo da construção social: se por um lado a construção é específica e contingente, por outro, pode impedir a sociabilidade. Mas, ao argumentar que a resposta a este paradoxo está numa explicação evolucionista, Franks (2014) toma uma direção funcionalista, analisando a função da construção cultural e social na constituição da mente.

Fazendo isso o autor acaba assumindo que a mente é o fator *a priori* que explica a realidade, enquanto que para as posturas relacionais (onde se firma o construcionismo social) não há prioridade da mente sobre o social ou cultural, nem vice-versa. Além do que a perspectiva construcionista social também não é convergente com a abordagem evolutiva, posto que a realidade é percebida como em constante transformação, e não evolução no sentido de “melhorar” ou “aprimorar” estágios anteriores.

Um estudo sobre a construção social foi empreendido por Calabrese e Cohen (2013) para sugerir que existe a possibilidade de intervenção em um grupo de dependência de drogas a fim de colocar seus integrantes numa condição mais consciente sobre o que os conduziu a sua realidade de dependência. Os autores usam o termo cultura para se referir ao sentido do

contexto construído nas relações cotidianas, o que influencia a conduta diária e as suas experiências de vida, utilizando-se de uma abordagem teórica construcionista. Mas, como a proposta do trabalho é transformar uma realidade por meio da pesquisa-ação, os autores associam a cultura a termos como experiências positivas e negativas, motivação e estímulo.

No caso deste estudo, a pesquisa mostra tender a um caráter mais intervencionista e determinista, quando, por exemplo, refere-se ao resultado esperado com o trabalho: “poderia ajudar na transformação de um ambiente de trabalho disfuncional e contribuir para a criação de uma auto-sustentável e saudável evolução da cultura organizacional positiva na UDC” (Calabrese & Cohen, 2013, p. 4).

b) Trabalhos com coerência epistemológica concepção de cultura e da construção social.

Destacam-se os trabalhos de Laurie Cohen (2006) e de Kenneth Gergen (2010, 2015) que tem servido de referência a muitos outros estudos construcionistas. Os argumentos de Gergen (2015) enfatizam a história desse movimento e as justificativas para os pressupostos de base construcionista social. Estes são trabalhos que evidenciam os quatro pressupostos essenciais apontados neste artigo.

Os pressupostos relacionais são os mais evidentes na maioria dos estudos que se identificam como construcionistas sociais. Um artigo que demonstra coerência entre epistemologia e metodologia é o de Lozano (2006), que questiona as perspectivas deterministas do estudo cultural e propõe “que a organização e o significado da sexualidade masculina depende o contexto em que homens e mulheres interagem” (Lozano, 2006, p. 155). Deste modo, o autor discute a sexualidade, prazer e a masculinidade dentro do casamento a partir do significado particular construído de acordo com o contexto criado nas relações.

Outro exemplo pertinente do uso de metodologias pautadas no construcionismo social nas práticas cotidianas é apresentado por Furman e Collins (2005). Esses autores apresentam um quadro teórico do construcionismo social como uma proposta da perspectiva cultural e cognitiva como complementares na compreensão social da realidade. A partir dessa visão, eles justificam a aprendizagem de práticas sociais como a dos trabalhadores que atuam na negociação em situações de crise, como policiais que são acionados para ocorrências domiciliares ou em repartições públicas para negociar com cidadãos em crise que estejam colocando a vida de outras pessoas em risco.

Foram realizados vários estudos de caso na pesquisa de Furman e Collins (2005) e a intenção é não interferir na construção da realidade dos sujeitos nem dos negociadores, apenas orientar os negociadores para que acessem e compreendam a realidade do sujeito em crise.

Com isso, os autores reforçam a recusa a modelos estereotipados de “culturas” a que esses sujeitos possam pertencer.

Wood (2013), e, também, Oliver, Flamez e McNichols (2011), desenvolvem argumentos que conciliam a perspectiva pós-moderna e a construcionista social. O trabalho de Wood (2013) surpreende em vários aspectos. Um deles é a relação constitutiva da mente por meio da construção social e cultural de forma muito coerente com a ideia de romper dicotomias. Outra importante construção desenvolvida pelo autor é a relação bem fundamentada e detalhadamente pontuada das perspectivas em análise. Segue-se, ainda, a propriedade com que esse autor retoma os pontos de convergência dessas abordagens na construção da dimensão cultural, o que também é assumida nos trabalhos de Gherardi (2012, 2015), e que também foi sugerida por Gergen (2010, 2013).

O objetivo de Wood (2013) é comentar o livro de Liah Greenfeld, intitulado *Mind, Modernity, Madness: the impact of culture on human experience*, o qual analisa a loucura como um reflexo da experiência humana na modernidade – que impõe limitações de ordem social. No tocante à concepção cultural, Greenfeld (2013) desenvolve argumentos para mostrar que a cultura atribui significado. Por isso, o autor defende a ideia de que a loucura não é somente “socialmente construída”, ela é culturalmente determinada. Cultura e mente, como Greenfeld aponta, não são simplesmente intimamente relacionadas, mas elas são o mesmo processo que ocorre em dois níveis.

A sensibilidade crítica da perspectiva construcionista, apontada por Gergen (2010) como uma tendência nos estudos desta natureza já podem ser percebidos em alguns estudos, especialmente quando os autores recorrem a uma visão pós-moderna como base epistemológica.

Oliver, Flamez e McNichols (2011) remetem sua análise à atuação dos profissionais de aconselhamento e terapia psicológica, contrapondo outras abordagens profissionais. Estes autores discorrem sobre os principais pressupostos das duas abordagens (construcionista e pós-moderna) e as colocam como eficazes para esta atividade profissional. Seus argumentos mostram que estas abordagens desafiam os modelos normativos de culturas dominantes, e também respeitam o contexto de vida das pessoas e seus problemas, centrando-se no significado ao invés de na causa e efeito.

Já o enfoque do artigo de Lähdesmäki (2013) é a análise da dinâmica discursiva como agente na construção social da realidade. A abordagem construcionista de Lähdesmäki (2013) é conduzida na direção da constituição de movimentos sociais, reforçando seu viés crítico. Com isso o autor mostra a existência de contestações diante de um cenário historicamente

construído em favor de forças de poder, mostrando no estudo empírico como surgem projetos que diferem das expectativas dos poderosos. Já a cultura é apresentada por esse autor numa visão mais estruturalista enfatizando, por exemplo, aspectos como subculturas e contracultura. Sua análise leva ao desvelamento das forças políticas e massas midiáticas na indicação do conteúdo abordado nos projetos culturais que concorrem ao evento estudado. Mas, por outro lado, Lähdesmäki (2013) demonstra que os contra discursos ativistas não só produzem críticas e resistência, como também alternativas culturais que se visualizam na criação de espaços e produtos.

Uma importante contribuição para a pesquisa construcionista social foi verificada no estudo de Laurie Cohen (2006). Esta autora apresenta a análise de histórias de vida como instrumentos para análise de carreiras, indicando este método para compreender a construção social dos significados (culturais) sobre o que é carreira. Sua explanação é muito clara e bem fundamentada no tocante aos principais pressupostos construcionistas sociais, relacionando-os a uma coerente concepção cultural, aliada a um estudo empírico construído com metodologia igualmente condizente com seus pressupostos na medida em que analisa aspectos que correspondem a produção, reprodução ou transformação de significados construídos socialmente.

Como análise conclusiva pode-se destacar que os trabalhos de maior amplitude conceitual foram os estudos de Laurie Cohen (2006) e de Kenneth Gergen (2015) que atingem os quatro pressupostos do construcionismo social destacados neste artigo: análise relacional; análise crítica, mudança como processo em transformação; e a emoção como dimensão explicativa. No entanto, grande parte dos estudos cerceiam-se na visão relacional como essência do construcionismo social. Alguns estudos acabam tornando-se inconsistentes quando vinculam esta perspectiva a estudos culturais que não tem a mesma fundamentação epistemológica, quando utilizam metodologias que não permitem compreender a realidade social a partir de categorias analíticas condizentes com o construcionismo social, ou quando sugerem soluções deterministas para os fenômenos analisados.

Já os estudos que trouxeram contribuições consistentes aos estudos culturais na direção da epistemologia construcionista social focaram suas análises especialmente na dinâmica relacional e na sensibilidade crítica sobre os fenômenos. A dimensão emocional apontada por Gergen (2010; 2015) e por Gherardi (2012) estão emergindo nos estudos culturais, e nos estudos analisados não foi evidenciada. De forma semelhante, a mudança como processo em transformação não foi destacada nas análises, mas se analisar a forma

como os autores discorrem sobre a realidade estudada é possível dizer que este pressuposto foi sutilmente incorporado nos estudos.

Considerações Finais

Buscou-se com este artigo apresentar uma reflexão a respeito dos constructos que permeiam estudos já publicados sobre cultura na perspectiva construcionista social, de forma a compreender e ampliar estudos que partem de uma visão construcionista social quando considerada a dimensão cultural. Para contribuir ao campo de Estudos Organizacionais, sugere-se aderência a uma epistemologia da prática em que a unidade de análise sejam as práticas sociais inseridas no contexto das organizações, pois este é o *locus* de realização social.

Este objetivo se fundamenta na intenção de compreender e ampliar as possibilidades argumentativas e científicas que possam contribuir para estudos da prática social como um modo de “organizar” a realidade, mas uma organização social que se sustenta no conhecimento prático que é gerado e significado no contexto social e cultural, fazendo sentido aos sujeitos que vivem no cotidiano da prática.

Nessa construção de sentido a história retoma seu lugar explicativo, oferecendo referência ao contexto de construção dos motivos, das justificativas para as ações, revelando as relações que configuraram um contexto de construção social. Como contribuições essenciais ao estudo cultural identificaram-se possibilidades de compreender o caráter constitutivo de uma realidade historicamente construída, negociada, e que se mantém legítima como fonte de referência social graças ao sentido coletivo que se refaz a cada ação e a cada prática social reproduzida. Ou seja, a transformação torna-se alvo das análises culturais sob a premissa da existência de divergências convivendo num mesmo contexto cultural legitimado.

Assim, com base na questão de pesquisa: analisar a importância da perspectiva construcionista social no estudo cultural das práticas sociais, pode-se destacar como uma epistemologia que proporciona a apreensão do conhecimento social construído no cotidiano de práticas sociais. Uma análise que parte da relação entre dimensões que proporcionam uma visão situada da realidade. A dimensão cultural, foco deste estudo, se constitui na relação com as demais dimensões, em uma proposta de estudo científico adequada para contribuir para o avanço da pesquisa na área, especialmente ao tomar a prática social como unidade de análise. Os pressupostos do construcionismo social identificados nos estudos analisados ressaltam: a

análise relacional, a análise crítica e mudança como processo em transformação, representando assim a principal contribuição desta pesquisa.

Foi possível ainda demonstrar com esta revisão sistemática de literatura que é crescente o interesse e as preocupações em discutir pressupostos, metodologias e possibilidades analíticas de base construcionista em estudos culturais. Como sugerem Weber e Dacin (2011), outros caminhos poderão levar os estudos organizacionais a atingir novos patamares, localizando o contexto do sentido coletivo e questionando os reducionismos das abordagens administrativas.

Observou-se na análise da literatura publicada que muitos trabalhos culturais são consistentes com a postura epistemológica construcionista, demonstrando coerência metodológica e contribuições empíricas. Mas, diante da diversidade de abordagens acadêmicas, também há muitos estudos culturais com direcionamentos deterministas que se utilizam de argumentos construcionistas, o que torna suas análises distorcidas epistemologicamente.

Uma limitação de estudo que deve ser ressaltada neste tipo de trabalho de revisão é a dificuldade de conceber termos de busca que contemplem a totalidade das intenções de pesquisa. Mesmo correndo o risco de não contemplar todos os estudos importantes neste tipo de pesquisa bibliográfica, considera-se válida qualquer iniciativa de buscar e analisar teorias, constructos, metodologias e abordagens empíricas, pois estas são balizadoras para a apresentação de um novo estudo, que visa apresentar um novo olhar sobre temas tão relevantes já estudados e ampliados no contexto acadêmico de produção científica.

Estudos futuros podem ainda, buscar o resgate dos significados culturais, como por exemplo da construção social de uma profissão como secretariado executivo, o qual por meio da prática no contexto social, sejam percebidas como se dão as construções das relações e a criação de determinados significados. E ainda, para confirmação de que os significados apresentados a partir da história social são condizentes com as realidades situadas, é preciso investigar mais detalhadamente cada contexto de pesquisa, pois uma das premissas do construcionismo social é que a realidade é um contínuo processo de transformar, que se constitui a cada ação, a cada realização em condições situadas no espaço e no tempo.

Referências

Berger, P. L., & Luckmann, T. (2012). *A construção social da realidade*. (34a ed.). Petrópolis: Vozes.

- Bjorkeng, K., Clegg, S. & Pitsis, T. (2009). Becoming(a) practice. *Management Learning*, 40(2), 145-159.
- Bruschini, M. C. A. (2007). Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de pesquisa*, 37(132), 537-572.
- Burrell, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organizational analysis*. (W. Martins, Trad. livre).
- Calabrese, R., & Cohen, E. (2013). An appreciative inquiry into an urban drugcourt: cultural transformation. *The Qualitative Report*, 18(1), 1-14.
- Chang, B. (2010). Culture as a tool: facilitating knowledge construction in the context of a learning community. *International Journal of Lifelong Education*, 29(6), 705-722.
- Cilliers, P. (2002). Complexity and postmodernism: Understanding complex systems. routledge.
- Cohen, L. (2006). Remembrance of things past: Cultural process and practice in the analysis of careers theories. *Journal of Vocational Behavior*, 69, 189-201.
- Corbetta, P. (2003). *Social research: Theory, methods and techniques*. Sage.
- Cuche, D. (2002). *A noção de cultura nas ciências sociais*. (2a ed.). Tradução: Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc.
- De-La-Torre-Ugarte-Guanilo, M. C., Takahashi, R. F., & Bertolozzi, M. R. (2011). Revisão sistemática: noções gerais. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 45(5), 1260-1266, out.
- Franks, B. (2014). Social construction, evolution and cultural universals. *Culture & Psychology*, 20(3), 416-439.
- Furman, R., & Collins, K. (2005). Culturally sensitive practices and crisis management: social constructionism as an integrative model. *Journal of Police Crisis Negotiations*, 5(2), 47-59.
- Gergen, J. K. (2010). *Construcionismo social: um convite ao diálogo*. (G. Fairman, Trad.). Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Gergen, J. K. (2015). Culturally inclusive psychology from a construcionist standpoint. *Journal for the theory social behavior*, 45(1), 95-107.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6a ed.). São Paulo: Editora Atlas SA.
- Gherardi, S. (2015). To start practice theorizing anew: the contribution of the concepts of agencement and formativeness. *Organization*, 1-19, set.

- Gherardi, S. (2012). *How to conduct a practice-based study: problems and methods*. Edward. Massachusetts, USA: Elgar Publishing Limited.
- Gherardi, S., & Strati, A. (2014). *Administração e aprendizagem na prática*. Rio de Janeiro: Elsevier, pp. 3-17.
- Giddens, A. (2007). *O mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record.
- Greenfeld, L. (2013). *Mind, Modernity, Madness*. Harvard University Press.
- Hatch, M. J., & Cunliffe, A. L. (2006). *Organization theory: modern, symbolic, and postmodern perspectives*. (2a ed.). New York: Oxford University Press, pp. 175-219.
- Lähdesmäki, T. (2013). Cultural activism as a counter-discourse to the European Capital of Culture programme: the case of Turku 2011. *European Journal of Cultural Studies*, 16(5), 598-619.
- Laraia, R. De B. (2000). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (2006). Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens, 2, 169-192.
- Lozano, S. G. (2006). Gênero y masculinidad: relaciones y practicas culturales. *Revista de ciências sociais Universidad de Costa Rica*, 155-175.
- Oliver, M., Flamez, B., & McNichols, C. (2011). Postmodern Applications within Latino/a Cultures. *Journal of professional counseling: practice, theory, and research*, 38(3), 33-49.
- Rasera, E. F., & Japur, M. (2005). Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a psicologia. *Paidéia*, 15(30), 21-29.
- Reckwitz, A. (2002). Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. *European Journal of Social Theory*, 5(2), 243-263.
- Saur-Amaral, I. (2010). *Revisão sistemática da literatura*. Lisboa: Bubok.
- Scarso, D. (2013). Beyond nature and culture? *Limes: Borderland Studies*, 6(2), 91-104.
- Schütz, G. R., Sant'ana, A. S. S., & Santos, S. G. (2011). Política de periódicos nacionais em Educação Física para estudos de revisão sistemática. *Revista Brasileira de Cineantropometria do Desempenho Humano*, Santa Catarina, 13(4), 313-319.
- Schwandt, T. A. (2006). Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. (2a ed.). (S. R. Netz, Trad.). Porto Alegre: Artmed, pp. 193-217.

- Smircich, L. (1983). Concepts of culture and organizational analisys. *Administrative Science Quaterly*, 339-358, set.
- Wagner, H. R. (Org.). (1979). *Alfred Schutz: fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 3-76.
- Weber, K., & Dacin, T. M. (2011). The Cultural Construction of Organizational Life: Introduction to the Special Issue. *Organization Science*, 22(2), 286-298.
- Wood, P. (2013). Mind, Modernity, Madness: the impact of culture on human experience. *Acad. Quest.*, 26, 352-359.
- Zander, U., & Zander, L. (2010). Opening the grey box: social communities, knowledge and culture in acquisitions, *Journal of International Business Studies*, 41, 27-37.

Submetido em: 19.06.2019

Aceito em: 17.09.2019